



a Voz do Operário

INFORMAÇÃO **140** ANOS
com CLASSE

Fundado em 11 de outubro de 1879 pelos operários manipuladores do tabaco
ANO 141 NÚMERO 3072 MENSÁRIO PREÇO €0,50 PORTE PAGO CABO RUIVO - TAXA PAGA
NOVEMBRO 2019 DIRETOR DOMINGOS LOBO JORNAL REGIONAL DA ÁREA METROPOLITANA DE LISBOA



ENTREVISTA

Madalena Santos

É presidente da Associação Portuguesa de Juristas Democratas, uma das organizações que tem dado a cara contra o projeto de construção de um museu dedicado a Salazar. Madalena Santos conversou com *A Voz do Operário* sobre a atualidade do antifascismo nos dias de hoje. **págs. 8 e 9**



DESPORTO

Quando o desporto é solidariedade

A atividade desportiva traduziu ao longo da história a vontade da humanidade em superar os seus próprios limites e encontrou na solidariedade uma marca característica de quem se sacrifica para ir mais além,

seja individual ou coletivamente. Mas o desporto é também ferramenta de transformação e foram muitos os atletas que fizeram das suas vitórias uma arma contra as injustiças. **págs. 6 e 7**



Governo não vai além dos 750 euros

O primeiro-ministro disse que tem como meta, no final da legislatura, os 750 euros de salário mínimo nacional, longe dos 850 euros exigidos pela CGTP no mais curto espaço de tempo possível. Acrescentou ainda que essa decisão deve ser tomada em concertação social, condicionando a discussão à posição dos patrões. **pág. 13**



O Rio Tejo está moribundo

As imagens desoladoras de um rio que também é coluna vertebral do país mostram que é hora de agir. A ecologista Manuela Cunha descreve a urgência de uma resposta que possa devolver ao Tejo o seu caudal. A situação agravou-se nos últimos anos, em consequência dos transvases espanhóis e dos períodos de secas. **pág. 11**



A VOZ DO OPERÁRIO Gala de Fado regressa à Voz

É já no dia 10 que o fado vai tomar conta do Salão de Festas d'A Voz do Operário. Com profundas raízes populares, este estilo musical marca a história da instituição. **pág. 3**



Revolta além fronteiras

Do Chile à Catalunha, são muitos os motivos que levam milhões de pessoas às ruas em todo o mundo. Quatro décadas depois do golpe fascista de Pinochet, o modelo neoliberal é questionado no país mais desigual da OCDE. Com uma mobilização sem precedentes, o presidente Sebastián Piñera é responsável por dezenas de mortes. **pág. 14**

3ª Gala de Fado d'A Voz do Operário

Manuel Figueiredo,
Presidente da Direção

No próximo dia 10 de novembro realizamos no nosso Salão de Festas a 3ª Gala de Fado d'A Voz do Operário.

Como se pode comprovar na revista "O Fado n'A Voz" que publicámos em 2017, desde a sua constituição que A Voz do Operário mantém uma grande ligação ao Fado. Inúmeras foram as personalidades do mundo do Fado que ajudaram a manter viva esta atividade, através de sessões de Fado realizadas ou apoiadas pel'A Voz do Operário. Ao mesmo tempo, o jornal A Voz do Operário tem sido um espaço sempre aberto para muitos autores lá registarem os seus poemas, defendendo o Fado enquanto expressão cultural das classes trabalhadoras.

Nos primeiros tempos, em que o Fado se constituiu como expressão dos bairros operários, Avelino de Sousa, tipógrafo e redator no jornal A Voz do Operário, foi um dos primeiros fadistas militantes, publicando vários artigos da sua autoria, em defesa do Fado e do seu alinhamento com a causa operária.

Também outras destacadas figuras como Carlos Harrington, João Black, Martinho d'Assunção (pai), Linhares Barbosa e António Rosa escreveram com regularidade no Jornal, com a mesma visão do Fado enquanto da canção popular.

Dos muitos fados que Avelino de Sousa escreveu no nosso Jornal, é bem exemplificativo o seguinte, de que transcrevo os primeiros versos: "Vive pobre o pobre op'rário | Que trabalha noite e dia... | Vive rico o usuário | No seio da Burguesia! | Eis o contraste fatal, | do nascer a subtileza: | D'um lado o berço-Pobreza | D'outro o berço-Capital..."

A instauração da ditadura fascista trouxe muitas dificuldades ao Fado, particularmente ao Fado de intervenção. Mesmo assim a Voz do Operário continuou a acolher no seu seio muitos fadistas, incluindo os poetas militantes.

Em 1934, realizou-se um grande espetáculo no nosso Salão de Festas, inaugurado pouco tempo antes, em que o Fado esteve presente com grandes nomes à época, entre os quais Berta Cardoso.

Em 1936, a Voz do Operário foi palco de uma homenagem ao poeta Luíz da Silva Gouveia, em que participaram atores e fadistas como Beatriz Costa, Berta Cardoso e Alfredo Marceneiro.

De entre as muitas dezenas de fa-

distas que nas décadas de 30 a 60 passaram pela Voz do Operário, saliento para além dos citados Berta Cardoso e Alfredo Marceneiro, os nomes de Lucília do Carmo, Fernando Farinha, Carlos Ramos, Tristão da Silva, Hermínia Silva, Anita Guerreiro, Argentina Santos, Celeste Rodrigues, Esmeralda Amoedo, Fernando Maurício, Tony de Matos e Maria Amélia Proença.

Depois do 25 de Abril foram muitos os espetáculos de Fado realizados n'A Voz do Operário, com fadistas desde amadores aos mais conceituados.

Carlos do Carmo e Paulo de Carvalho, ambos sócios honorários d'A Voz do Operário, proporcionaram-nos dois espetáculos memoráveis, a propósito da comemoração de aniversários da Instituição.

A Voz do Operário esteve envolvida noutro momento marcante da história do Fado, uma vez que o seu espólio constituiu um importante contributo para a candidatura do Fado a Património Imaterial da Humanidade.

Em 2011 a Marcha Infantil da Voz do Operário comemorou esta distinção atribuída ao Fado, apresentando como tema do seu desfile "As crianças de Lisboa homenageiam o Fado".

A relação indissociável da Voz do Operário ao Fado fica desde 2017 celebrada com a realização anual da Gala de Fado d'A Voz do Operário, numa iniciativa conjunta entre a Voz do Operário e a Música Unida, que visa promover este género musical como forma de expressão cultural popular, onde são atribuídos prémios – uma estatueta estilizada, simbolizando o Fado – como forma de reconhecimento a personalidades ou instituições ligadas direta ou indiretamente ao Fado, e que são publicamente consideradas e reconhecidas pelo seu mérito, inovação, estilo e importante contributo para o Fado e, também, ao longo do seu percurso artístico, para com A Voz do Operário.

A 3ª Gala de Fado d'A Voz do Operário realiza-se no próximo dia 10 de novembro, pelas 15h, no nosso Salão de Festas, contando mais uma vez com um elenco de luxo onde iremos premiar artistas de reconhecido valor, com uma íntima ligação ao Fado e à Voz do Operário. Saliente-se que este é também um espetáculo solidário, em que os artistas participam de forma voluntária, destinando-se as verbas angariadas à renovação do Salão de Festas.

EDITORIAL

Lutar por justiça social

Novembro é mês de fado n'A Voz do Operário. Enraizada nos bairros operários, este estilo musical é indissociável da história desta instituição. É já no dia 12 que vamos receber de braços abertos a Gala de Fado. Também com raízes profundas na classe trabalhadora, o desporto abre, muitas vezes, caminho à solidariedade e ao compromisso com as transformações sociais. É a humanidade que se tenta superar fisicamente e socialmente. O exemplo do atleta guineense Braima Dabó que voltou atrás para ajudar outro corredor a chegar à meta mostra isso mesmo. A atividade desportiva ajuda a superar diferenças, reforça a interajuda e é cada vez mais necessário combater os valores dos que querem fazer do desporto pouco mais do que um negócio.

Também neste contexto, o novo quadro político saído das eleições legislativas traduz uma derrota dos partidos que encabeçaram as políticas da troika em Portugal mas simultaneamente uma descida dos partidos à esquerda do PS e, em consequência, mais liberdade para que o novo governo possa voltar à bússola avariada que apenas aponta para a direita. Já na anterior legislatura, António Costa aprovou alterações à legislação laboral que receberam os aplausos do patronato e o protesto dos trabalhadores. Tudo indica que é esse o trajeto que o novo governo quer voltar a trilhar e não há outro caminho para quem trabalha que lutar por avanços sociais nos locais de trabalho e nas ruas.

O percurso deste sistema que promove a injustiça social é posto cada vez mais em causa pelos povos que em todo o mundo fazem do outono uma estação de revolta. No Equador, no Chile, na Catalunha, no Haiti, na Argentina, no Líbano e em tantos outros lugares, por diferentes motivos, os trabalhadores levantam-se por direitos sociais e políticos. São, hoje, muitos os exemplos que demonstram que o capitalismo asfixia a liberdade e promove as desigualdades.

a Voz do Operário

PROPRIEDADE E EDIÇÃO SIB A Voz do Operário
Rua da Voz do Operário, 13, 1100 – 620 Lisboa
Telefone: 218 862 155. E-mail: jornal@vozoperario.pt
DIRETOR Domingos Lobo
DESIGN E PAGINAÇÃO Ana Ambrósio, Diogo Jorge
FOTOGRAFIA Nuno Agostinho
COLABORADORES André Levy, Bruno Carvalho, Carlos Moura, Domingos Lobo, Eugénio Rosa, Luís Caixeiro, Manuel Figueiredo, Maurício Miguel, Rego Mendes, Rita Morais
REDAÇÃO Rua da Voz do Operário, 13, 1100 – 620 Lisboa
IMPRESSÃO Empresa Gráfica Funchalense, SA
Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição,
n.º 50 – Morelena, 2715 – 029 Pêro Pinheiro
N.º DE REGISTO NA ERC 107759
DEPÓSITO LEGAL 6394/84
PERIODICIDADE Mensal
TIRAGEM 3.500 exemplares
ESTATUTO EDITORIAL www.vozoperario.pt



Membro da
Associação da
Imprensa
Não-Diária

Associação
Portuguesa
da Imprensa
Regional



MÚSICA

Amália Rodrigues: “Eu sou a toalha que eles põem na mesa quando têm visitas”



Graffiti de Odeith na Amadora

Quando saiu a notícia da morte da fadista, a figura mais importante da literatura portuguesa, José Saramago, revelou em Paris que Amália Rodrigues “celebrada pelo salazarismo” fez chegar dinheiro ao Partido Comunista Português, então na clandestinidade. Foram estas declarações que serviram de mote para uma investigação do jornalista Miguel Carvalho de mais 60 páginas publicada agora na revista Visão. “Tinha a noção de que havia algum pano para mangas. Ou seja, de que a Amália não se teria limitado a acudir a uns pobrezinhos ou a umas famílias de presos políticos. Concentrei-me no período da ditadura e a dimensão do que encontrei ul-

trapassou tudo o que eu pudesse imaginar”, confessou Miguel Carvalho ao jornal Contacto.

Mas o jornalista insistiu que este trabalho jornalístico não pretendeu colocar qualquer rótulo na fadista. “Ninguém está aqui a dizer, nem eu o digo em parte alguma, que a Amália era de esquerda ou era antifascista. A verdade é que também não se pode dizer que ela se limitasse muitas vezes a atos meramente solidários e inconscientes”.

De acordo com a Agência Lusa, na investigação, feita com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, são apresentados documentos oficiais que tanto confirmam que Amália Rodrigues foi vigiada pela PIDE, a polícia política da ditadura do Estado Novo, por suspeita de apoio aos comunistas, como revelam que manteve atitudes ambíguas com o regime.

Desde o fim dos anos 40 até às portas do 25 de abril de 1974, a cantora manteve laços com a esquerda intelectual que se opunha ao regime e com muitos comunistas com a “consciência clara de que eram perseguidos e presos”.

Um dos 80 testemunhos recolhidos é o do histórico político comunista Domingos Abrantes que afirmou ser “um facto confirmadíssimo” que Amália Rodrigues, por exemplo, ajudou o MUD Juvenil (Movimento de Unidade Democrática).

“Ela sabia para o que estava a dar”, garantiu Domingos Abrantes, 83 anos. “E nessa época de grande repressão, tudo o que era mais ou menos organizado estava ligado ao PCP. O resto é conversa”, opinou.

Os testemunhos reunidos convergem na ideia de que Amália Rodrigues apoiou por diversas vezes, com dinheiro, portugueses exilados, protegeu amigos antifascistas e tentou influenciar a libertação de presos políticos, nomeadamente de Alain Oulman, o compositor com quem colaborou nas décadas de 60 e 70.

MÚSICA

Gala de Fado regressa à Voz



Estatuetas atribuídas aos homenageados

A 3.ª Gala de Fado é já no dia 10 de novembro. A Voz do Operário e a produtora Música Unida organizam o evento, pelas 15h, no Salão de Festas d’A Voz, em Lisboa. Este ano, a iniciativa musical vai ter dois momentos principais: o espetáculo de vários fadistas convidados e a atribuição de prémios a figuras que tenham contribuído para a história do fado enquanto expressão cultural.

Entre os artistas confirmados para o espetáculo musical estão Cláudia Picado, Diamantina, Joana Amendoeira, Sandra Correia, Natalino de Jesus, Marco Oliveira, Pedro Moutinho, Fernando Santos e Humberto Olímpio. Os bilhetes custam entre 7,50 e 15 euros e servem para ajudar A Voz do Operário a angariar fundos para as obras de requalificação do Salão de Festas.

Esta gala distingue-se, por isso, também pelo seu caráter solidário, com a participação voluntária de todos os artistas, tendo também como objetivo a divulgação do fado enquanto expressão cultural e o reconhecimento público dos seus protagonistas.



Sociedade de Instrução e Beneficência A Voz do Operário

Assembleia Geral Ordinária
21 novembro 2019 — 19h

Nos termos do art.º 31º, ponto 32, alínea a), convoco todos os sócios no pleno gozo dos seus direitos, para a Assembleia Geral Ordinária, a realizar no próximo **dia 21 de novembro, às 18 horas**, na sede da instituição, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1. **Alterações aos Estatutos;**
2. **Plano de Atividades e Orçamento;**
3. **Diversos.**

Nota: Se à hora marcada para o início dos trabalhos não estiver presente o número legal de sócios, a Assembleia iniciar-se-á uma hora depois, de acordo com o disposto no art.º 33º, ponto 1, dos Estatutos.

Lisboa, 22 de outubro de 2019, O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Libério Domingues

PUBLICIDADE



**Antiga Agência Funerária
Domingos & Diniz**
Gerência de João Natividade

Descontos de 15%
para sócios de A Voz do Operário

Rua de Sta. Marinha, n.º4, 1100-491 Lisboa
Rua de S. Vicente, n.º34, 1100-574 Lisboa
T. 218 861 649 F. 218 875 213 TM. 919 311 363

VOZ

Alexandre Vieira e o diário sindicalista *A Batalha*: um destacado colaborador d'A Voz do Operário

Luís Carvalho, investigador

2019 é o centenário do diário sindicalista *A Batalha*. Publicou-se entre 1919 e 1927 e teve então um papel central como pilar e porta-voz da organização operária e sindical portuguesa. Alexandre Vieira foi um dos seus principais fundadores e seu primeiro diretor.

Minho

Alexandre Vieira nasceu a 11 de Setembro de 1880 na cidade do Porto mas foi mais a norte, em Viana do Castelo, que passou a infância e começou a trabalhar aos 11 anos de idade. Foi na região minhota que se tornou operário gráfico e sindicalista. Dali escreveu pela primeira vez para *A Voz do Operário*. Em 1906 migrou para Lisboa.

No dia 18 de Março de 1908, aniversário da Comuna de Paris, foi um dos fundadores do diário sindicalista *A Greve*. Este apenas durou seis meses, mas foi uma experiência audaz à época, assente em trabalho voluntário desde a redação à impressão e à distribuição. O chefe de redação foi José Fernandes Alves, que era também o chefe de redação d'*A Voz do Operário*.

República

Em 5 de Outubro de 1910 foi instaurada a 1ª República. Alexandre Vieira foi um dos mais destacados sindicalistas portugueses nesse período que terminou com o golpe militar de 28 de maio de 1926. Entre 1911 e 1914 dirigiu o jornal semanário *O Sindicalista*. Em 1914 esteve entre os fundadores de uma primeira central sindical portuguesa, a União Operária Nacional, da qual veio a ser secretário-geral entre 1917 e 1919.

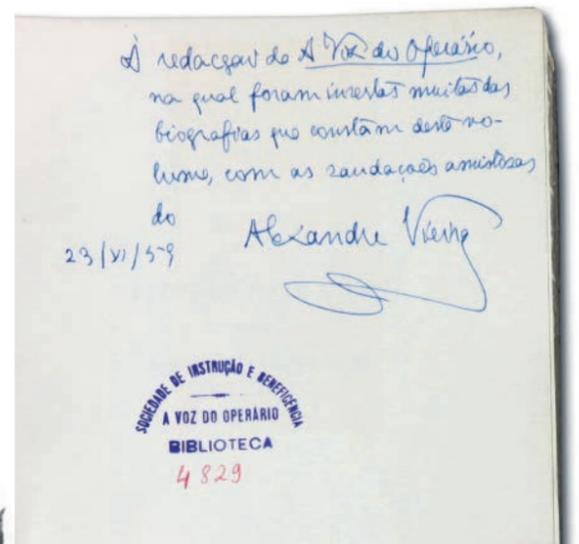
No desempenho destas funções, esteve na linha da frente de grandes desafios que então se colocaram aos trabalhadores portugueses. Destacamos três:

Repressão

a) a repressão do novo regime republicano, nomeadamente sob a liderança de Afonso Costa. Houve sedes sindicais encerradas, jornais apreendidos, militantes presos e até algumas pessoas mortas a tiro em manifestações, logo a partir de 1911. Alexandre Vieira foi então várias vezes preso. E não foram apenas curtas detenções: em 1913/14, chegou a estar 9 meses encarcerado.

Fome

b) a crise social exponenciada pela 1ª Guerra Mundial. A rotura de circuitos do comércio internacional foi devastadora para um país muito dependente de importações de alimentos. A miséria agravou-se com a escassez e especulação de géneros, e uma inflação galopante. Em 1917 chegaram a ocorrer tumultos em Lisboa, com multidões esfomeadas assaltando armazéns para conseguir comida. Alexandre Vieira foi então um dos responsáveis



Dedicatória de Alexandre Vieira à redação d'A Voz do Operário em 1959

por uma redinamização do movimento sindical, para que os trabalhadores se organizassem e defendessem os seus interesses.

Guerra Civil

c) Em janeiro de 1919 o país chegou à guerra civil, com uma monarquia autoritária a ser restaurada no Norte do país. Como muitos operários e sindicalistas, Alexandre Vieira participou na revolta armada que derrotou as forças monárquicas às portas de Lisboa, em Monsanto.

A Batalha

Foi então que nasceu *A Batalha*. O primeiro número saiu a 23 de Fevereiro de 1919, por iniciativa da União Operária Nacional, que nesse ano se transformaria em Confederação Geral do Trabalho (CGT). Várias vezes esse jornal foi apreendido e a sua redação assaltada. Até que em 1927 a ditadura militar o suspendeu e destruiu a redação. Em 1930 voltou a ser publicado legalmente, como semanário, mas por pouco tempo. Apareceu depois clandestinamente mas de forma muito irregular, nas décadas de 1930 e 1940. Renasceu com o 25 de Abril de 1974 e ainda hoje existe, a assumindo-se agora como um "jornal de expressão anarquista".

Anarquista

Alexandre Vieira era anarquista, como foram muitos sindicalistas da sua geração. E manteve as suas convicções até falecer, em 1973. Mas quando o movimento sin-

dical português foi dilacerado por uma rivalidade entre anarquistas e comunistas, nos anos 1920, Vieira tomou então uma posição de diálogo e defesa da unidade. Em 1928 integrou uma delegação de sindicalistas portugueses à Rússia soviética.

Anti-fascista

Ao regressar da Rússia, Vieira acabou por ficar exilado em França durante 4 anos. Só chegou a Portugal em 1932. Os sindicatos livres foram proibidos logo em 1933. Mas, à semelhança doutros velhos sindicalistas, manteve-se ativo e organizado. Foi dirigente da Universidade Popular Portuguesa e presidente da Associação dos Inquilinos Lisbonenses. Teve ainda um papel destacado no Movimento de Unidade Democrática (MUD).

A Voz do Operário

Sócio desde 1908, Alexandre Vieira foi eleito em 1926 para um órgão auxiliar da direção d'*A Voz do Operário*, a "comissão de instrução, arte e educação". Nas décadas de 1950 e 1960 foi um destacado colaborador deste jornal, a exemplo de vários outros antigos colaboradores d'*A Batalha* que durante a ditadura colaboraram n'*A Voz do Operário*. Nomes como Emílio Costa, César Nogueira ou José Antunes. Este último foi mesmo o diretor d'*A Voz do Operário* em 1946 e de novo em 1956/58.

Uma nota final para sublinhar que Alexandre Vieira foi um dos responsáveis pela salvaguarda da biblioteca da antiga Universidade Popular, com a sua transferência em 1950 para *A Voz do Operário*, onde foi preservada.



Documentário foi realizado por Miguel Costa para a RTP

A Voz do Operário em documentário na RTP2

Em outubro, estreou na RTP2 o documentário realizado por Miguel Costa, sobre a história d'A Voz do Operário, uma ideia de Teresa Paixão, diretora do canal público de televisão, que seguiu uma evolução narrativa consubstanciada por depoimentos e imagens que contou também com diversas recriações históricas demonstrativas do trabalho operário dos tabaqueiros e da fundação da instituição.

À conversa com o jornal *A Voz do Operário*, Miguel Costa confessou que não sendo de Lisboa conhecia mal o objeto de investigação. "A Voz do Operário é conhecida por quase toda a gente e não fazia ideia da dimensão. Foi fantástico realizar este documentário porque foi uma descoberta de elementos muito interessantes. Desde logo a longevidade. Depois, talvez o mais importante, o facto de terem sido os trabalhadores a juntarem-se para formarem um jornal operário quando a maior parte deles era analfabeta e, posteriormente, para darem educação aos próprios operários mas principalmente os filhos dos operários."

O trabalho de investigação retrata precisamente um período da história em que 80% da população era analfabeta e o papel de organizações como A Voz do Operário foram decisivas na criação de escolas para o ensino.

"Para mim, foi um processo muito interessante, de grande aprendizagem e no qual percebi que a maioria das pessoas com quem falei e que estão ligadas à instituição tem um grande respeito pel'A Voz e

muitos deles trabalham em regime de voluntariado", sublinhou o realizador.

Miguel Costa explicou à *A Voz do Operário* que demorou seis meses a realizar o documentário, que incluiu tempo de pesquisa, entrevistas e recreação de episódios da história da instituição. "Fizemos a parte do trabalho dos operários tabaqueiros nos Açores porque encontramos um sítio que é o Museu do Tabaco na Maia, Ribeira Grande, que foi uma fábrica de tabaco até aos anos 80. Eles têm uma parte dessa fábrica que foi usada precisamente no final do século XIX. Portanto, eles têm toda aquela parte da secagem do tabaco ainda, o que é interessantíssimo. Os figurantes tinham sido trabalhadores ali e houve uma ligação muito forte. Eles sabiam exatamente o que fazer", descreveu o realizador.

Outra das intensões foi a recriação da fundação do jornal *A Voz do Operário* há precisamente 140 anos. Miguel Costa explicou que a equipa de produção ainda investigou os traços arquitetónicos do edifício onde foi a primeira sede da publicação e acabaram por fazer a representação desse momento na sede do PCP nas Caldas da Rainha. "Teve muita piada porque havia gravuras de Karl Marx e uma ligação emocional, mesmo em termos de espaço. Trabalhámos com alguns atores como o Vítor Santos, que faz de Custódio Braz Pacheco, o Cândido Ferreira fez de operário com dificuldades em respirar e o Nuno Machado faz de Custódio Gomes. Os outros atores eram figurantes ligados ao teatro amador", contou.

O dia em que saímos à Rua com palavras fortes pelo Planeta



Alunos d'A Voz

Bárbara Ramires, professora

O ambiente deve e tem de ser cuidado. Este é o nosso lema. Este é nosso modo de ver o que nos rodeia. No passado ano letivo juntamo-nos com a grande manifestação de Lisboa com outros jovens, adultos e crianças.

Este ano optámos, por várias razões, manifestarmonos pelo nosso bairro, deste modo juntámo-nos também a todos os outros jovens, adultos e crianças que se manifestaram nessa tarde na grande avenida e também a outros tantos que escolheram o seu bairro, a sua rua e até a sua janela para o fazerem.

Sentimos que conseguimos chegar àqueles que são os nossos, de um modo mais profundo, mais sentimental e mais próximo, aqueles que todos os dias se cruzam connosco quando vamos e vimos da escola, com aqueles que se abastecem nos mesmos serviços e lojas que nós. São estes que todos os dias vamos conseguir relembrar de pequenas coisas que podemos fazer para melhorar a nossa rua, a rua de trás e da frente, o nosso bairro e por aí fora, até que todos juntos possamos chegar ao Mundo.

Não vamos esquecer este dia porque são dias como este que nos dão forças para continuar e para acreditar que temos qualquer coisa de importante a fazer neste pedacinho da cidade de Lisboa. E que isso pode mesmo ajudar a mudar o rumo do Planeta.

DESPORTO



Braima Dabó ajuda Jonathan Busby

Quando o desporto também é transformação

Braima Dabó é a prova de que nem sempre os grandes momentos do desporto se traduzem em golos, recordes batidos e taças ou medalhas. O corredor guineense de alta competição surpreendeu o planeta nos Mundiais de Atletismo de Doha, no Qatar, na eliminatória dos 5 mil metros quando estava a 250 metros do fim da prova e decidiu parar para ajudar Jonathan Busby a chegar à meta. Perante a ovação de milhares de espetadores, Braima Dabó terminou a corrida abraçado ao atleta de Aruba que mais tarde disse ter recebido a ajuda de um “anjo”.

Bruno Amaral de Carvalho

“Quando sofri a lesão e caí, do nada apareceu uma mão a segurar-me. Era a mão de um anjo. Não tenho muitas palavras para descrever o que aconteceu. Foi uma das cenas mais marcantes da minha vida. Posso dizer que ganhei um irmão. O Dabó já faz parte da minha família. Para lá do facto de as imagens já rodarem o mundo, ele já é uma celebridade em Aruba”, declarou Jonathan Busby à imprensa.

O anjo do atleta caribenho nasceu na Guiné-Bissau, numa pobre aldeia da região de Tombali, onde não há sequer es-

tradas asfaltadas, e estuda atualmente em Bragança. Respondeu depois da prova que fez apenas “o que qualquer um estaria disposto a fazer naquela posição”. O facto é que Braima Dabó é já apelidado de “herói do fair play” e é um dos quatro nomeados para o prémio nessa categoria que vai ser atribuído este mês no Mónaco.

A atividade desportiva traduziu ao longo da história a vontade da humanidade em superar os seus próprios limites e encontrou na solidariedade uma marca característica de quem se sacrifica para ir mais além, seja individualmente ou coletivamente. Mesmo hoje, apesar da

profissionalização, das elevadas quantias envolvidas, da financeirização de diferentes modalidades e do crescente peso da competitividade, o conceito de desportivismo continua a significar lealdade, companheirismo e ética. A expressão “ganhar ou perder é desporto” mostra o quão está enraizada a ideia de que há valores mais importantes do que a vitória.

Olimpíada Popular em Barcelona

Em agosto de 1936, realizou-se em Berlim a mais controversa das edições dos Jogos Olímpicos com Adolf Hitler a en-

cabeçar a cerimónia de abertura. Nesse mesmo ano, Espanha, que perdeu a organização do evento para a Alemanha nazi, decidiu boicotar o evento em conjunto com a União Soviética e organizar a Olimpíada Popular, em Barcelona, com mais de 6 mil atletas provenientes de 22 países convocados pela Confederação Desportiva Internacional do Trabalho e pela Internacional Vermelha do Desporto, conhecida como Sportintern. Muitos dos participantes pertenciam a associações, clubes desportivos sindicais e partidos de esquerda apesar de haver atletas de alto nível. As delega-

ções da Alemanha e de Itália, com regimes fascistas, eram compostas por exilados desses países e a inauguração da Olimpíada Popular estava prevista para 19 de julho.

Dois dias antes do evento desportivo, Francisco Franco liderou o levantamento fascista que deu início à guerra civil de Espanha e os jogos tiveram de ser cancelados. Alguns atletas nunca chegaram a Barcelona porque esbarraaram com o encerramento da fronteira francesa mas muitos outros tiveram de abandonar a capital catalã à pressa. Contudo, pelo menos 200 participantes de diferentes nacionalidades decidiram ficar e juntar-se aos trabalhadores que pegaram em armas para combater o fascismo.

Futebol rebelde

A maioria dos jogadores de futebol tem origens populares e as ruas dos bairros mais pobres foram palco de intermináveis jogos que apenas tinham como baliza duas pedras. Não é de estranhar, pois, que alguns dos que foram elevados a estrelas do desporto mais mediático do planeta assumam posturas solidárias.

Quando o Benfica ganhou o último campeonato, Bruno Lage deixou uma mensagem importante aos adeptos. “Se vocês se unirem e tiverem a força e a exigência que têm com o futebol nos outros aspetos do nosso Portugal, da nossa economia, da nossa saúde, da nossa educação, vamos ser um país melhor”, apontou o treinador. Não têm sido poucas as posições solidárias de inúmeros treinadores e jogadores com diferentes causas.

Por exemplo, Pep Guardiola, que comanda o Manchester City, nunca escondeu o seu apoio à causa independentista da Catalunha e recentemente contestou a sentença de prisão a vários líderes separatistas catalães.

Já Marcelo Bielsa, questionado pela imprensa sobre a revolta no Chile, afirmou que a sua opinião não é indiferente, “não porque seja qualificada mas porque se multiplica”. Cuidadoso nas palavras, o treinador do Leeds United considerou “admirável o que o povo chileno está a fazer, especialmente os cidadãos comuns, que exercem a democracia e são um exemplo para todos os países que são tratados injustamente pelos seus governantes”.

Quem também nunca escondeu o seu compromisso com a luta dos trabalhadores e dos povos é Diego Armando Maradona. O deus de muitos ateu do futebol não brilhou apenas nos relvados. Apesar de muitas polémicas, o ‘pibe’ manteve-se fiel às raízes sociais onde nasceu e deu a cara pelos seus amigos Fidel Castro e Hugo Chávez. Durante o Campeonato Mundial de Futebol na Coreia do Sul e Japão, o governo nipónico

queria impedir a entrada no país do antigo capitão da seleção argentina e negou-lhe o visto. “Eu não matei ninguém e respeito as leis japonesas. Não lhes atirei nenhuma bomba nuclear. É um contra-senso, se querem proteger os japoneses não deviam permitir a entrada da seleção dos Estados Unidos”, defendeu-se Maradona.

Quando chegou à Fiorentina, um jornalista perguntou ao brasileiro Sócrates se gostava mais de Mazzola ou Rivera. “Não os conheço. Estou aqui para ler Gramsci na língua original e estudar a história do movimento operário italiano”, respondeu o ídolo dos adeptos do Corinthians. Foi precisamente neste clube fundado por um grupo de operários de São Paulo que Sócrates ficou conhecido por liderar a “democracia corinthiana” em plena ditadura brasileira. Durante os jogos, a equipa paulista usava frases no equipamento como “diretas já” ou “eu quero votar para presidente”.

Pela igualdade, contra o racismo

A história dos Estados Unidos está marcada a ferros pela discriminação racial. Foram muitos os atletas afro-americanos que usaram o desporto como ferramenta de denúncia da realidade que vivem os negros naquele país. É possível que Mohammad Ali seja o mais conhecido. Eleito “desportista do século” pela Sports Illustrated em 1999, o pugilista norte-americano recusou-se a combater no Vietname arriscando a sua carreira. “Nenhum vietcongue me chamou de negro, porque lutaria contra eles?”. Em 1967, quando, juntamente com Martin Luther King, de quem era amigo, esteve em Louisville para apoiar a luta da população local pelo acesso à habitação afirmou: “Por que me pedem para vestir um uniforme e deslocar-me 10 mil milhas para lançar bombas e balas contra o povo do Vietname enquanto os negros de Louisville são tratados como cães, sendo-lhes negados os mais elementares direitos humanos? Não, não vou viajar 10 mil milhas para ajudar a assassinar e queimar outra nação pobre para que simplesmente continue a dominação dos senhores brancos sobre os povos de cor mais escura mundo afora. É hora de tais males chegarem ao fim”.

No ano seguinte, em 1968, os atletas negros norte-americanos Tommie Smith e John Carlos conquistaram as medalhas de ouro e bronze nos Jogos Olímpicos do México e subiram ao pódio com o australiano Peter Norman. No pódio, os velocistas afro-americanos levantaram o punho fechado com uma luva negra enquanto soava o hino dos Estados Unidos, imitando o gesto de saudação dos Panteras Negras. “Se ganho, sou americano, não afro-americano. Mas se faço algo de mal, então



Tommie Smith e John Carlos levantam os punhos

diz-se que sou negro. Somos negros e estamos orgulhosos de sê-lo. A América negra vai entender o que fizemos esta noite”, afirmou Tommie Smith.

Avery Brundage, presidente do Comité Olímpico Internacional, considerou o gesto inadequado e ordenou a suspensão dos dois atletas da equipa norte-americana e pediu que fossem expulsos da vila olímpica, o que foi recusado pelo Comité Olímpico mexicano que considerou os velocistas convidados de honra e anunciou que seriam tratados como tal. Brundage, que fora presidente do Comité Olímpico norte-americano durante os Jogos Olímpicos de Berlim em 1936, não fez qualquer objeção à saudação nazi realizada por vários atletas.

Mais recentemente, Serena Williams contestou a discriminação salarial sobre as trabalhadoras negras. “O dia 31 de julho é o Dia da Igualdade de Salário das Mulheres Negras, que representa o número de dias em 2017 que uma mulher negra deve trabalhar para ganhar o mesmo que um homem branco ganhou em 2016 - são quase mais 8 meses! As mulheres negras são a pedra angular das nossas comunidades, são fenomenais e merecem salário igual”, escreveu a tenista.

Batista Pereira, o nadador do povo

Personagem de Esteiros, livro de Soeiro Pereira Gomes, e considerado por muitos o melhor nadador português de sempre, Batista Pereira cresceu junto ao Tejo em Alhandra. Sem instrutor nem subsídios estatais, aos 14 anos era já o melhor português nos 200, 400 e 1500 metros. Depois, foi campeão mundial da travessia do Estreito de Gibraltar, em 1953, e bateu o recorde mundial da travessia do Canal da Mancha.

Era um herói que escondia a sua condição de militante comunista desde 1946, luta que nunca abandonou antes e depois da revolução de Abril. Cresceu numa zona operária: “Soeiro Pereira Gomes foi o homem mais extraordinário que eu conheci, um homem bom, um homem inteligentíssimo, um grande amigo do povo. Foi um dos que me ensinaram as primeiras letras, e o primeiro fato e os primeiros sapatos que tive foi ele quem mos deu; lembro-me como se fosse hoje: era um fato aos quadrinhos pretos e brancos e uns sapatos amarelos de biqueira larga”, recordou Batista Pereira sobre o histórico escritor comunista com quem ganhou consciência de classe.

MADALENA SANTOS

“A luta contra o fascismo continua atual”

Com a proposta da Câmara Municipal de Santa Comba Dão, encabeçada pelo PS, de materializar a velha ambição da extrema-direita portuguesa de avançar com um museu ao ditador António Salazar, a Associação Portuguesa de Juristas Democratas (APJD) foi uma das muitas organizações que se uniram ao coro de protestos contra o projeto. Madalena Santos, que é professora na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, onde leciona cadeiras na área da ciência histórico-jurídica, é uma das caras que alerta para os perigos do fascismo e dos ataques aos direitos dos trabalhadores e dos povos. Faz ainda parte do bureau da Associação Internacional de Juristas Democratas (AIJD), fundada pelos advogados de acusação do julgamento em Nuremberga contra os líderes nazis em 1945.



Madalena Santos, presidente da APJD

Bruno Amaral de Carvalho

Há vários anos que há a intenção de se construir um museu dedicado a Salazar. O que defende a APJD?

A posição da associação é muito clara e é que em Portugal, após a constituição de 1976, não há lugar a que se possa propagar, difundir qualquer tipo de ideias fascistas ou nazis e, portanto, está completamente afastado do nosso tecido constitucional a possibilidade da existência desse tipo de movimentos, associações ou qualquer outro tipo de manifestações que efetivamen-

te sirvam para que as ideias fascistas e nazis se possam desenvolver na nossa sociedade. Defender a constituição e o que está nela proposta é fundamental.

Infelizmente, nalguns setores ligados à investigação e à intelectualidade tenta-se mascarar de alguma forma, com subterfúgios, a possibilidade de se vir a fazer esse museu.

Acha que pode ser um espaço de peregrinação fascista?

Obviamente. E há pessoas que no nosso país, infelizmente, têm ideias bolorentas e querem que aquele local sirva para fazer as suas peregrinações e, portan-

to, isso é algo que nós de maneira nenhuma podemos aceitar. É inaceitável a existência de um museu a Salazar ou um centro de interpretação de Salazar. Agora, isso não exclui nem deve excluir o nosso estudo e a denúncia sobre o que foi o fascismo e o que são os fascismos e a forma efetiva de os combater. Mas para isso temos os arquivos nacionais, temos alguns arquivos locais e temos os investigadores, que ligados de fato a uma rede de âmbito universitário, como todas as universidades do país, o podem fazer e o devem fazer e não criar ali um pólo, digamos assim, em Santa Comba Dão. Porque foi a terra do ditador e onde o mesmo está sepultado e nós sabemos que mesmo relativamente a isso já há diversas, enfim, romagens

e peregrinações à campa. Portanto, era meter ali mais uma acha para uma fogueira que nós não queremos de maneira nenhuma alimentar, nem podemos alimentar, porque é muito perigosa.

Entende que os novos desenvolvimentos no futuro Museu Nacional da Resistência e Liberdade, na antiga prisão do Forte de Peniche, podem ser um elemento que ajude a entender melhor o que foi o período do fascismo em Portugal?

Tudo o que sirva para explicar às novas gerações, e nós temos tido muita dificuldade em explicar às novas gerações o que foi o fascismo, é fundamental. O fascismo e Salazar não estão de modo nenhum desligados de uma perspectiva de luta contra essa mesma realidade e de uma postura de resistência. Para se estudar o fascismo tem de se estudar sempre a resistência contra esse mesmo fascismo e os seus mecanismos: torturas, prisões, assassinatos, separação de famílias, de pobreza, etc.

Eu vivi esse tempo, em particular no Alentejo, e estudei ainda à luz do petróleo. Só com o 25 de Abril é que foi possível que chegassem à minha aldeia os esgotos, a eletricidade, uma escola primária acessível. Tudo isto tem de ser explicado. O fascismo era um período de grande obscurantismo, em que a pobreza proliferava e as pessoas não tinham oportunidades. A revolução do 25 de abril permitiu o desenvolvimento da economia e o desmantelamento do grande capital e das quatro ou cinco famílias que dominavam o país.

Houve um abaixo-assinado contra o museu a Salazar que reuniu milhares de assinaturas e agora há uma petição. Qual é o objetivo que querem alcançar?

Neste caso, a petição quer obrigar o parlamento a discutir a questão e a tomar posição sobre ela. Do ponto de vista jurídico, o parlamento é um órgão político e, portanto, com a discussão parlamentar tem a força política de a Assembleia da República ter tomado uma atitude sobre esta questão. É a casa da democracia, é a casa da constituição, onde são feitas as leis, onde foi feita a nossa constituição tem esse papel político importantíssimo.

É evidente que os tribunais podem ser acionados, nomeadamente tendo em consideração a dita constituição que proíbe qualquer tipo de organizações ou de difusão das ideias fascistas mas esperemos nunca chegar aí porque estamos a tentar que todos os envolvidos tenham o bom senso de não permitir que o museu a Salazar vá para a frente.

Em Espanha, o Vale dos Caídos, onde estava sepultado o ditador Franco, era justamente um centro de peregrinação e só neste ano, até setembro, recebeu 266 mil visitantes. Acha que foi importante a decisão de exumar o cadáver e transportar os restos para outro cemitério?

Acho que sim. Andou bem, no meu entender, o governo espanhol e o povo espanhol na sua luta para tirar Franco de uma zona pública e de tributo àqueles que caíram pela pátria para um cemitério de âmbito privado, porque efetivamente é neste espaço que ele deve ser relegado.

Também em Espanha, temos assistido ao que se passa na Catalunha. Muitas vezes,



Bairro de lata em Lisboa, 1968. Foto de Fernando Mariano Cardeira.

tenta-se olhar para a União Europeia como espaço de direitos democráticos, como uma referência civilizacional digamos, e depois olhamos para o lado e vemos centenas de feridos e presos políticos.

Nós temos acompanhado as questões da Calatunha, como temos acompanhado outros momentos da atualidade, tal como a invasão das zonas dos curdos pela Turquia como temos acompanhado outros problemas como o que se passa na Ucrânia. Estivemos como observadores internacionais em várias sessões do julgamento que tentava ilegalizar o Partido Comunista da Ucrânia e essa nossa ação a nível internacional até agora tem dado frutos e resultados. O Partido Comunista da Ucrânia não foi ilegalizado até ao momento. Há um processo contra os dirigentes do Partido Comunista acusando-os de ser criminosos e traidores à pátria. Alguns deles, infelizmente, estão presos, outros têm sido assassinados e já por duas vezes também numa sessão das Nações Unidas, onde temos assento como observadores, fizemos intervenções precisamente sobre a Ucrânia.

Relativamente à Turquia também tivemos oportunidade de tomar posição desmascarando essa feroz intervenção que meteu na prisão advogados, juristas e juizes.

Sobre a questão da Catalunha, nós entendemos que o que está ali em causa é uma postura autoritária por parte do Estado espanhol e o não reconhecimento de liberdades fundamentais, nomeadamente o direito à possibilidade de se manifestarem e de lutarem pela independência daquela zona.

Os catalães alegam que aqueles líderes independentistas que foram condenados são presos por motivos políticos. É assim?

Nós entendemos que no âmago do problema estão questões de âmbito político e não questões de outro qualquer teor do foro de âmbito civil ou criminal. O que está na base desses processos efetivamente são questões de âmbito político e que estão a ser nes-

te momento de alguma forma também branqueadas com outro tipo de posturas. Portanto, o nosso entendimento e a nossa interpretação e a nossa postura é no sentido de as partes chegarem a entendimento na base de negociação e na base de poderem resolver aquele problema complexo.

É uma questão histórica e neste momento, pelos vistos, a questão da autodeterminação e a questão da eventual independência poderá resolver aquele problema. De qualquer modo, a via do diálogo é aquela que para nós, neste momento, deve ser a mais incentivada.

A AIJD foi fundada pelos advogados de acusação dos Processos de Nuremberga contra os líderes nazis. Recentemente, foi aprovada uma resolução do Parlamento Europeu a equiparar o comunismo ao nazismo. Isto não é relativizar o próprio fascismo quando foi, por exemplo, o Exército Vermelho que libertou Auschwitz?

Claro. A APDJ também teve oportunidade de se pronunciar sobre essa tomada de posição do Parlamento Europeu e isto é efetivamente mais uma das linhas de branqueamento do próprio nazismo, por um lado, e também do papel determinante que as sociedades socialistas e em particular a União Soviética, com os seus milhões de vítimas durante a guerra, teve para conseguir travar o monstro do fascismo. Quer dizer, não teria havido ninguém que tivesse conseguido travar o fascismo se não tivesse existido o Exército Vermelho e a União Soviética.

Considera que continua a ser atual a luta contra o fascismo ou é já uma coisa do passado?

Claro que não é do passado. A luta contra o fascismo continua a ser atual. Enquanto houver classes exploradas exploradoras vai-se colocar como é óbvio a luta contra governos ditatoriais, fascistas e nazis. É uma luta permanente.

CULTURA

Os Monstros preferidos de Alberto Manguel, apresentados em Lisboa



Foto © Raquel Wise

Alberto Manguel esteve em Lisboa no passado dia 25 de novembro para apresentar o seu mais recente trabalho - *Monstros Fabulosos: Drácula; Alice; Super-Homem e outros amigos literários* (ed. Tinta da China). A sessão teve lugar no Museu da Farmácia e contou com a presença do poeta e crítico Pedro Mexia e do humorista Ricardo Araújo Pereira, que introduziram a obra de Manguel.

Alberto Manguel é um dos maiores bibliófilos da atualidade. O seu percurso de vida confunde-se com a história dos seus livros, da sua biblioteca, das suas lei-

turas. Nasceu em Buenos Aires (1948) e cresceu entre a sua terra natal e Telavive, onde o seu pai desempenhava funções diplomáticas. Esta realidade votou-o a mudanças frequentes de casa, motivo que o autor apresenta para a forte ligação íntima que então desenvolveu com os livros. Aos 16 anos, começou a trabalhar numa livraria, em Buenos Aires, e é nesse contexto que conhece Jorge Luis Borges, que já cego, lhe pede que seja seu leitor. Em 1968, sai da Argentina e vive em Espanha, França, Itália e Inglaterra, ganhando a vida como leitor e tradutor em várias

editoras. Já neste período se dedica à edição de antologias em torno do universo fantástico e imaginário.

No presente trabalho, Manguel faz-nos chegar as 30 personagens fantásticas que mais o acompanharam ao longo da vida, devidamente ilustradas por ele. Num tom erudito e lúdico, o autor passeia por cada uma das figuras, adotando registos muito diversos. Como destacou Pedro Mexia, se nalguns casos parece organizar verbetes quase enciclopédicos, noutros capítulos aflora uma vertente mais ensaística em torno da natureza das personagens. Nesses momentos, a extraordinária sensibilidade leitora de Manguel é-nos integralmente oferecida, e o autor dá-nos a ler o mesmo livro que leu, em suma, partilha conosco a sua experiência íntima: “O credo de Capuchinho Vermelho é o mesmo de Thoreau: desobediência civil (...) é por Capuchinho Vermelho divergir que aparecem o bosque, o lobo, o lenhador e a aventura romântica da avó. Sem o espírito divergente de Capuchinho Vermelho, não haveria história”. Quem imaginaria semelhante relação ideológica? Facto é que depois de confrontados com esta leitura, torna-se difícil dela nos desvincularmos. É precisamente esta capacidade de desdobrar as várias camadas das histórias, quase como quem nos esfrega os olhos para melhor vermos o que sempre lá esteve de facto, que Ricardo Araújo Pereira destacou, admitindo sentir-se esmagado pela mestria do autor argentino: «há qualquer coisa no ato de ler e interpretar um texto que eu acho que é decisivo para quem procura nos livros, nas histórias uma resposta para “o que é isto de estar vivo”», acrescentou o humorista.

Em *Monstros Fabulosos* Manguel dedica-se ainda a um exercício quase efabulatório a partir das personagens, como se se propusesse a adivinhar o que sentiriam e o “não-escrito”, como faz no capítulo dedicado a Gertrudes (mãe de Hamlet): “Não é fácil a uma mãe admitir-lo, mas ela acha que o filho não é bom da cabeça”.

O presente trabalho parece apresentar-se como uma decorrência lógica na obra do autor para quem os homens são, afinal, “filhos e filhas de fantasmas de papel e tinta” e que afirma ter-lhe sido o mundo e tudo o que sobre ele sabe revelado através das páginas dos livros.



...e agora?

Nos últimos tempos, e à mistura com as oportunidades que o momento político e as eleições ofereceram, a comunicação social tem acantonado a informação e os comentários na área de um polígono cujos vértices se podem considerar como sendo: as questões ambientais; os sistemas que melhor garantam a saúde, individual e coletiva; os transportes; as questões relacionadas com lucros e salários, que é como quem diz da economia e da justa distribuição da riqueza gerada pelo país e ainda o problema do alojamento para o maior número (aqui en-

tendido como a habitação e tudo o mais necessário para garantir conforto urbano a todos os habitantes das cidades e dos campos).

Problemática que entre nós, pela complexidade das conexões geradas, adquire dimensões e especificidades próprias, pois é fácil entender que a habitação, o equipamento e o trabalho se relacionam no ordenamento do território e, obviamente, com os transportes e que um correto ordenamento do território pode obstaculizar os fogos e que os transportes rápidos e cómodos dão tempo para a cultura e para o recreio, tudo isto conduz a melhor saúde e bem-estar para todos, e, embora aparentemente distante, põe-se a questão levantada por alguns intervenientes políticos do desequilíbrio demográfico de um país onde cada vez há menos nascimentos (e aqui se retorna ao problema da habitação) e cada vez são mais numerosos os velhos (e aqui se cai no problema da previdência social).

Excetuando a evocação espúria de “casos” e todo o ruído e irritação que provocou, poder-se-á dizer que todas as forças políticas envolvidas nas recentes eleições abordaram estes temas, cada qual seguindo a sua ótica, e diga-se em abono da verdade, aparentemente com maior

ou menor grau de convicção e sinceridade segundo os seus interesses.

Aguarda-se agora o saber como aqueles que foram escolhidos para conduzir os destinos do país nos próximos quatro anos, por si ou em alianças, cumprem o prometido e aguarda-se com expectativa, pois se há problemas a que o contexto internacional impõe obrigações, como, por exemplo, tanto cuidar dos que vivem junto a um mar enfurecido como nos interiores desertificados ou em agressivas cidades, outras há, pertinentes porque afetam o quotidiano de todos, em relação às quais se não houve indiferença pelo menos faltaram promessas firmes e enunciadas soluções como foi o caso da programação (incluindo estimativas orçamentais) da construção de habitação por iniciativa ou sob controle do Estado.

...disponibilidade social do solo, expropriações, perequação, tabelamentos, requisições, movimento cooperativo, associações de moradores foram conceitos quase esquecidos, quando não proscritos e, contudo, a renda de um T3, em Lisboa e nas grandes cidades, já ultrapassa em muito o salário médio nacional.

O dramatismo da situação não se coaduna com uma governação rotineira...

Francisco da Silva Dias

Transportes públicos



723 129: A queda do mito

Foi divulgado o número de passes vendidos na Área Metropolitana de Lisboa em setembro: 723 129.

Conforme também foi divulgado, este valor representa um aumento de 25,5% relativamente a 2018.

Diversas vezes afirmei publicamente que o preço dos transportes coletivos era indutor do uso do transporte individual, apresentando números de situações concretas.

A propaganda dominante inculca a ideia de que o uso do automóvel se tratava de uma questão de comodismo. As pessoas rejeitavam o transporte público apenas porque eram comodistas.

O número de passes vendidos vem mostrar que o preço é um fator determinante na opção de tipo de transporte que se utiliza.

Mas o problema já está resolvido? Ainda não. É imprescindível passar à segunda fase, que é a da oferta adequada.

Por oferta adequada entende-se disporem os utentes de meios com um mínimo de conforto e horários compatíveis com as suas necessidades.

Com veículos superlotados e grandes intervalos entre dois consecutivos, ficam de fora todos os que podem suportar a diferença de custo sem dificuldades de maior.

É também importante que os horários se adequem às necessidades dos utentes, tendo em conta os milhares de pessoas que trabalhando por turnos necessitam de se deslocar fora das chamadas horas de ponta.

Só a título de exemplo, assinalar que nos hospitais há turnos a terminarem às 23.00 horas, sem que muitos bairros, até em Lisboa, tenham transportes públicos a essa hora.

O aumento da oferta, para que corresponda ao aumento da procura é urgente, o que implica um esforço correspondente nos investimentos necessários em material circulante, seja em novas aquisições, seja na redução das imobilizações, dotando os grupos oficiais dos meios humanos e materiais necessários.

Mesmo respondendo às necessidades referidas falta uma terceira fase a das interfaces do transporte individual com o transporte público, associadas aos problemas urbanísticos da área metropolitana de Lisboa.

Por falta de espaço fica um próximo número do jornal.

Rego Mendes

ECOLOGIA



Água escasseia cada vez mais no Tejo

Agir pelo Tejo!

Manuela Cunha, ecologista

É na Serra de Albarracim, em Espanha, que ele nasce, e a partir daí percorre 1007 Km até ao estuário, onde as suas águas doces abraçam as águas salgadas do mar e banham Lisboa numa luz especial! Ao longo deste percurso, o maior dos rios da Península Ibérica, o Tejo, vai deixando um vasto património natural e cultural, com um potencial turístico enorme que, se bem aproveitado daria um contributo importante para o desenvolvimento, por este rio acima.

Antes de se diluir definitivamente no mar, o Tejo deixa um estuário de uma enorme beleza e riqueza natural, de um valor ecológico inestimável, classificada como Reserva Natural. As funções ecológicas, desta área, assumem um lugar de maior importância na preservação da biodiversidade do nosso território, mas também a nível do Planeta, daí a sua inclusão na Rede Natura 2000 e nas áreas abrangidas pela Convenção de RAMSAR (Zonas Húmidas do Planeta).

A vivência do homem com o Tejo tem séculos. Nele encontraram sobrevivência alimentar (não só com a pesca, mas também com a agricultura que permitiu desenvolver), condições para sua defesa, mobilidade fluvial para pessoas e bens, lazer, inspiração artística e uma porta aberta para o Mundo!

Rio de características mediterrânicas, apresentou sempre irregularidade nos seus caudais, alterando naturalmente entre cheias e caudais diminutos, em função dos períodos de chuvas ou de estio. No entanto, a partir dos meados do Século XX, com a construção de barragens no Tejo e nos seus afluentes principais, dos dois lados da fronteira, a produção energética passou a ditar a gestão destes rios, em detrimento de todo e qualquer outro uso e das exigências do equilíbrio ecológico. Foi a preocupação pela produção de energia que esteve na origem do Convénio assinado, em 1968, entre Espanha e Portugal, para regulação do uso das águas de 5 rios internacionais, entre eles, o Tejo. Revisto em 1998, o texto do acordo continuou muito longe de corrigir esta situação, e de colocar o equilíbrio ecológico e o desenvolvimento sustentável, como principais objetivos, nomeadamente para o Tejo. Hoje, é um imperativo para Portugal, renegociar este acordo conhecido como “Convenção de Albufeira”! A situação de redução e escassez de caudal agravou-se dramaticamente nos últimos anos, em consequência dos

transvases praticados em Espanha e também dos períodos de secas decorrentes das alterações climáticas. Rever os termos da gestão das águas do Tejo por forma a garantir caudais que assegurem o equilíbrio ecológico dos ecossistemas do rio e a qualidade das águas na entrada em Portugal, é fundamental! É ainda fundamental, que o Governo Português assumira uma postura firme, relativamente ao encerramento urgente da Central Nuclear de Almaraz que representa uma ameaça real, para o Tejo e para as populações ribeirinhas.

Para além da questão dos caudais, o Tejo tem outros problemas que impossibilitam o seu pleno aproveitamento numa perspetiva económica, social e de lazer. A poluição é um deles. Os setores industrial e agroalimentar, são hoje, os principais poluidores. Violam descaradamente as leis e fogem à implementação de sistemas de tratamento eficientes e adaptados à produção que têm. Exemplos não faltam, ainda temos em memória o caso da indústria de celulose de Castelo Branco. O assoreamento versus extração de areias ou calhau, é outro dos problemas ambientais do Tejo. Um assoreamento que não se deve só à falta de caudal para transportar as areias até à costa, mas também à contínua erosão das margens desprotegidas pelos incêndios e por práticas agrícolas incorretas que destruíram as margens. Por outro lado, a prática de extração por sucção, anos a fio no mesmo local e perto de infraestruturas hidráulicas, é também um problema grave e perigoso, tal como se viu em Entre-os-Rios. Por último, o desmantelamento e esvaziamento das entidades públicas com responsabilidade de fiscalização ambiental, tem contribuído para que estas situações se repitam e se agravem, comprometendo a natureza, a saúde pública e o contributo ao desenvolvimento sustentável que o Tejo poderia dar às regiões que atravessa. A atuação dos sucessivos Governos, sejam eles PSD/CDS ou PS, pautou-se pela falta de vontade política de fazer frente aos problemas, por vezes até mostrando condescendência com os criminosos, outras vezes, são os próprios governos que estão na origem do problema! Veja-se agora, as implicações para a Reserva Natural do Estuário do Tejo e para as Salinas do Samouco que terá a construção do aeroporto no Montijo!

Estou convencida que não chegará apelar às “Tágides” ao socorro para inculcar nos governantes a sensibilidade de Camões pelo Tejo. Teremos de ser todos nós a agir pelo Tejo!

FINANÇAS

Medalha de bronze para Portugal na fuga para offshores



Portugal perdeu 1,3 milhões em receitas fiscais

O Estado português perde receitas fiscais num valor equivalente a 1% do PIB. De acordo com o Jornal de Negócios, Chipre, Malta e Portugal são os três países que mais transferem riqueza para paraísos fiscais. Cerca de um quarto do Produto Interno Bruto é desviado para offshores. Em 2016, por exemplo, havia 1,5 bilhões de euros de habitantes europeus em paraísos fiscais. Só entre 2001 e 2016, os empresários portugueses desviaram cerca de 50 mil milhões de euros para offshores, segundo um estudo da Comissão Europeia. Ou seja, cerca de um quarto do PIB português (23,9%) é desviado para offshores, sendo superado apenas por países como o Chipre (38%) e Malta (31%). Simultaneamente, estes três países também são os que mais perdem em receita fiscal por causa das transferências para os paraísos fiscais, segundo a estimativa da CE.

Só Portugal terá perdido 1,3 mil milhões de euros entre 2004 e 2016, cerca de 1% do PIB português, descreve o Observador. O valor de dinheiro colocado em offshores foi variando ao longo dos últimos anos mas a Comissão

Europeia salienta uma tendência para diminuir. Ainda assim, no último ano do período estudado, 2016, havia 1,5 bilhões de euros de habitantes europeus em offshores. Os responsáveis pelo estudo advertem contudo que os montantes serão ainda maiores, uma vez que estes valores não envolvem contratos de seguros, imobiliários e numerário.

“Menos receita fiscal significa menos serviços públicos ou taxas de IVA mais altas para o cidadão comum”, diz Johan Langerock, assessor de políticas fiscais e desigualdade da Oxfam citado pelo diário digital. Geralmente, a transferência de riqueza para os paraísos fiscais deve-se sobretudo à tentativa de evasão fiscal. O recurso a offshores para evitar o pagamento de impostos é também uma forma de esconder determinadas operações.

No caso de Portugal, que esteve sujeito ao programa da troika, permitiram igualmente a evasão ao aumento de impostos colocando assim a riqueza dos mais ricos no exterior.

SOCIEDADE

Tráfico humano em debate

O Movimento Democrático de Mulheres (MDM) organizou uma iniciativa sob o tema “Tráfico de Seres Humanos: da exploração sexual à exploração no trabalho” no Solar dos Zagallos, em Almada, que assinalou o Dia Europeu de Combate ao Tráfico de Seres Humanos.

O evento integrou o leque de atividades que o MDM tem vindo a promover para denunciar um crime altamente lucrativo, que afeta milhões de pessoas em todo o mundo.

Através desta iniciativa, o MDM quis aumentar a sensibilização da opinião pública para a importância desta forma, “aviltante e hedionda”, de exploração e violência,

bem como aumentar o conhecimento sobre a realidade deste flagelo no nosso país.

No seminário foi apresentada a aplicação ACT - Agir Contra o Tráfico Humano, resultado de uma parceria entre o MDM e o Observatório do Tráfico de Seres Humanos.

O governo revelou esta no fim do mês passado que no ano anterior foram identificadas 141 vítimas de tráfico de seres humanos em Portugal, 29 das quais eram menores.

Informação emitida pelo gabinete da secretária de Estado para a Cidadania e a Igualdade mostra que as autoridades portuguesas sinalizaram 203 situações de tráfico de seres humanos (TSH) no País, em 2018.

A VOZ dos livros



O Diabo Foi Meu Padeiro, de Mário Lúcio Sousa

Mário Lúcio Sousa é um dos autores mais inovadores e interessantes da sua geração, e da literatura escrita em português. Nascido em Cabo Verde, no Tarrafal, em 1964, licenciado em Direito pela Universidade de Havana, foi Ministro da Cultura do seu país, no mandato iniciado em 2011, e um autor de vastos e plurais recursos, com diversos títulos publicados, entre poesia, teatro e romance, contando já no seu currículo com os Prémios Literários Carlos de Oliveira e Miguel Torga e o Prémio do P.E.N. Clube.

O Diabo Foi Meu Padeiro, é um dos livros mais crus e assombrosos até hoje publicados, sobre o inferno que foi o Campo de Concentração do Tarrafal, a partir de 1936, e a forma infra-humana como o salazarismo tratou os presos políticos para aí transportados. A estrutura narrativa de Mário Lúcio, atém-se às memórias de alguns resistentes que sobreviveram nesse espaço da *morte lenta* e aos testemunhos das gentes de Chão Bom, referindo os nomes desses antifascistas, as suas vivências, as torturas, a fome, a sede, as doenças, a capacidade colectiva de reinventar a vida para afugentar a morte, numa plêiade de elementos históricos que o autor carrou para a narrativa, traçando desse campo um retrato chocante, que é, a um tempo, brutal e humano, rigoroso e lírico sobre o tempo maior da vergonha que a ditadura, na sua fase mais agressiva, na realidade foi, trazendo para o campo da arte literária, com invulgar destreza discursiva, a denúncia do terrível pesadelo que foi o fascismo português – que afinal existiu!

À beleza formal do discurso, Mário Lúcio Sousa acrescenta a agilidade conceptual da narrativa, o uso exemplar da língua, o conceptualismo épico do tempo diegético, o desenvolvimento da trama ficcional e o seu entrosamento com a verdade histórica, fazendo deste romance um dos títulos exemplares sobre o modo como esse período da nossa história comum, marcou de forma indelével todo um povo, mas sobretudo as gerações que o viveram.

Hoje é dia 29 de Outubro de 1936. 152 portuguesas, incluindo 34 marujos revoltosos, um anarquista de nome Mário Castelhana, o Secretário-Geral do Partido Comunista, Bento Gonçalves, um imberbe de 17 anos chamado Edmundo Pedro, e eu, Pedro Santos Soares, acabamos de nos certificar de que estamos em África. Nem uma planta, nem uma cabra, nem um ser humano, nem um som.

Um livro indispensável, de leitura obrigatória nestes dias em que algumas forças do obscurantismo militante, andam por aí a tentar rescrever a História.

Mário Lúcio Sousa, O Diabo Foi Meu Padeiro. Edição D. Quixote/2019

Domingos Lobo

SALÁRIO MÍNIMO

Governo anuncia que não vai além dos 750 euros

Na tomada de posse do governo, o primeiro-ministro anunciou que tem como meta a atingir no final da legislatura 750 euros de salário mínimo nacional, longe dos 850 euros exigidos pela CGTP no mais curto espaço de tempo possível. António Costa acrescentou ainda que essa decisão deve ser tomada em sede de concertação social, condicionando, uma vez mais, a discussão à posição dos patrões. Essa tem sido, aliás, a opção praticada pelos sucessivos governos, permitindo aos patrões imporem um ritmo significativamente mais brando no que respeita a aumentos salariais.

Jerónimo de Sousa, secretário-geral do PCP, afirmou num comício do seu partido que tal meta “é insuficiente” e prometeu que os comunistas estarão no “combate por novos avanços”, em particular pela sua proposta dos 850 euros para o salário mínimo nacional, que coincide com a da central sindical, e pelo aumento geral dos salários para todos os trabalhadores, que considerou ser uma “emergência nacional”.

Já o BE apresentou como proposta 650 euros até janeiro do próximo ano. O partido liderado por Catarina Martins anunciou que vai apresentar um projeto de resolução em que recomenda ao governo o aumen-

to do salário mínimo nacional já a partir de 1 de janeiro de 2020, devendo o mesmo ser aumentado de aí em diante em 5% a cada ano.

Para Arménio Carlos, o secretário-geral da CGTP-IN, é preciso “ir mais além” e referiu que a valorização salarial seria importante tanto para os trabalhadores, como também permitiria beneficiar as empresas, que ganhariam com a dinamização da procura no mercado interno.

Numa noite eleitoral contada voto a voto, o PS alcançou o primeiro lugar nas eleições legislativas com 36,34% dos votos (108 deputados). O PSD caiu para segundo com 27,76% (79 deputados) com Rui Rio a rejeitar a ideia de desastre eleitoral e a considerar exagerado o triunfalismo do partido liderado por António Costa. Contudo, foi o CDS-PP, de Assunção Cristas, que viu a maior derrota da noite não indo além dos 4,22% (5 deputados). Juntos, os dois partidos da direita sofreram a maior queda da sua história.

Com uma queda de meio ponto percentual, o BE conseguiu manter o mesmo número de deputados e tentou coligar-se com o PS, sem êxito. Com um resultado que não corresponde às expectativas da CDU, Jerónimo de Sousa afirmou que, afastada a necessi-



dade de um acordo escrito como exigira Cavaco Silva há 4 anos, o PCP mantinha a mesma postura: disponibilidade de avaliar com o Governo, “caso a caso”, matérias como os Orçamentos do Estado.

O PAN passou de 1 para 4 deputados, o Livre (esquerda moderada) conseguiu garantir um assento parlamentar e o partido Iniciativa Liberal (ultra-direita liberal) outro. Já o Chega, de extrema-direita, elegeu um deputado.

SOLIDARIEDADE

Exposição sobre Lula da Silva n'A Voz do Operário



O coletivo Andorinha, Frente Democrática de Brasileiros em Lisboa, e o núcleo do Partido dos Trabalhadores organizaram uma exposição fotográfica n'A Voz do Operário no âmbito do 74.º aniversário do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva. A mostra de fotografias de Ricardo Stuckert “Lula: a vida é luta e a luta é livre” esteve exposta até 3 de novembro e continha uma série de 18 fotografias do fotógrafo oficial do ex-presidente brasileiro “com imagens

sensíveis sob uma perspetiva otimista dos períodos da presidência de Lula e das caravanas recentes em sua campanha eleitoral para a presidência do Brasil”. Lula da Silva continua preso apesar de haver evidências de que o julgamento foi manipulado e, refere a apresentação da exposição, como afirmou o primeiro presidente operário do Brasil em frente ao Sindicato dos Metalúrgicos do ABC Paulista em São Bernardo, as suas ideias “já estão pairando no ar e não tem como prendê-las”.

ENSINO

Mais funcionários, menos violência

A Federação Nacional dos Professores (Fenprof) exige mais funcionários nas escolas e a redução do número de alunos por turma para combater situações de violência e indisciplina.

Mário Nogueira acusou o Ministério da Educação de apenas reagir, com afirmações genéricas para repudiar “todas as formas de violência na escola”, depois de ser confrontado pelos jornalistas.

“O que os professores esperavam ouvir do Ministério da Educação, desde logo do ministro era que se afirmasse, sem rodeios, a condenação da violência exercida sobre os professores e que estes merecem e têm de ser respeitados”, declarou o sindicalista citado pelo *AbrilAbril*.

A Fenprof considera que a solução passa por garantir apoios específicos nas turmas de alunos com necessidades educativas especiais e apoio jurídico aos docentes quando são ameaçados ou agredidos.

A criação de um Observatório para a Violência nas Escolas – com representantes do Ministério, professores, auxiliares, encarregados de educação e alunos, elementos do programa Escola Segura e académicos – é outra das propostas a apresentar no início da legislatura.

CHILE



Pelo menos 20 chilenos morreram às mãos do Estado

Chile desperta num continente em ebulição

Depois do Equador, o Chile está a ferro e fogo. De “oásis” a “inferno”, o país assiste a uma repressão indiscriminada que deixar cair a máscara do neoliberalismo.

Teresa Camarão

Às 10h10 daquela manhã de setembro, Salvador Allende já sabia que “de novo” se abririam “as grandes alamedas por onde passará o homem livre, para construir uma sociedade melhor”. Mais do que a metralhadora oferecida pelo “camarada Fidel” que, apesar de não ter disparado, empunhou para resistir ao golpe que lançou a primeira pedra dos perto de trinta anos de retrocesso e tortura de Pinochet, o último progressista que pisou o Palacio de La Moneada trocou as voltas à frase mais célebre de Castro naquela que foi a última emissão da Radio Magallanes. “A historia os julgará”, profetizou. Estávamos em 1973. Quase 50 anos depois, a 25 de outubro, uma multidão de cerca de um milhão e meio deu o corpo àquela que ficou conhecida como “a maior manifestação do Chile”.

Bomba relógio

Nem a mobilização que em 1988 levou centenas de milhares à capital contra a ditadura, que haveria de assombrar o país por mais dois anos, foi tão expressiva. Ao fim de duas semanas de protestos reprimidos à lei da bala e da violência gratuita dos polícias militares, que naquele país dão pelo nome de *carabineros*, o tal Homem livre desafiou o recolher obrigatório declarado pelo presidente Sebastián Piñera que, nos primeiros dias de outubro, classificou o país como um “verdadeiro

oásis com uma democracia estável”, dias antes de declarar “guerra” ao próprio povo com milhares de soldados e tanques nas ruas. Pelo menos 20 chilenos morreram às mãos do Estado. Contam-se centenas de feridos e milhares de detidos. A preto e branco, as imagens dos corpos inanimados amontoados na rua, a detenção de jornalistas e as crianças ponteadas e levadas à força nos blindados verde tropa não são muito diferentes dos recortes das décadas sanguinárias de Pinochet que, logo nos anos 70, não só negou o “direito de viver em paz” ao povo chileno como subscreveu alínea por alínea a receita do neoliberalismo desenhado por Milton Friedman na Escola de Chicago para entregar o público à iniciativa privada, numa operação que até aos dias de hoje vedou ao dólar o direito à saúde, educação e até à água. De facto, apesar de ter começado num protesto contra o aumento das tarifas do metro, a mais recente onda de indignação chilena foi semeada lá atrás com o patrocínio dos fundos norte-americanos da Agência Central de Inteligência (CIA). Mesmo a privatização da Segurança Social que permite ao sistema financeiro jogar com o dinheiro das pensões nos mercados financeiros, há 40 anos, foi impulsionada por José Piñera, irmão do atual chefe de Estado do Chile.

Verdade inconveniente

Confrontado com as barricadas que tomaram de assalto a capital, Sebastián

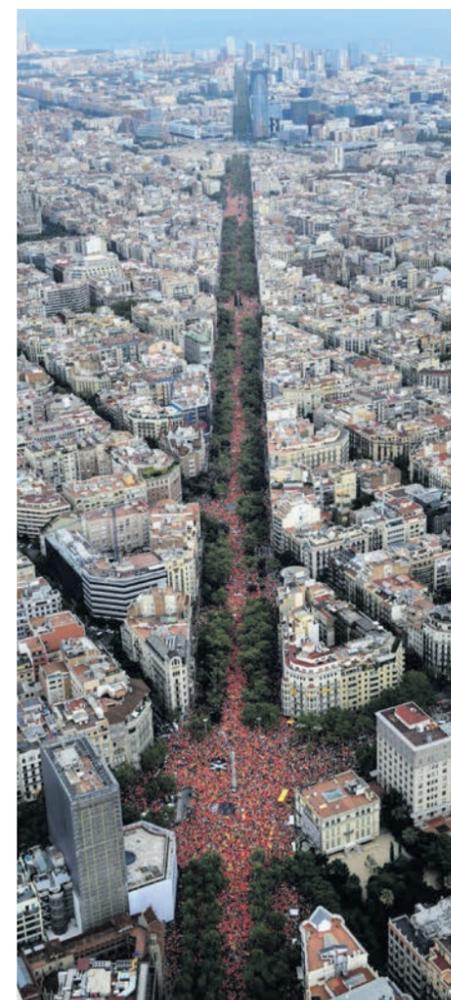
Piñera apressou-se a colocar os cargos dos ministros à disposição e à semelhança do que aconteceu no Equador - com Lenine Moreno a recuar nas medidas de austeridade que durante mais de uma semana deixaram o país à beira de uma guerra civil com o governo a mudar-se para Guayaquil pressionado pela revolta e pelas mobilizações em grande escala da Confederação das Nacionalidades Indígenas - travou o aumento dos transportes. A estratégia que quis retirar a legitimidade às denúncias do povo chileno teve eco na imprensa alinhada com os interesses dos mercados financeiros que, apesar de ter reduzido os protestos ao preço dos bilhetes esqueceu-se de mencionar que desde 2017 a tarifa aumentou 20 vezes. No Chile, uma viagem de ida e volta no transporte subterrâneo absorve 16% do salário médio da população que este ano não ultrapassa os 490 euros por mês. O país mais desigual dos 36 que compõe a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) vive essencialmente da exportação do cobre. Com a procura a diminuir, a economia encolheu com efeitos colaterais para a classe trabalhadora. Neste contexto, os 10% mais ricos têm rendimentos mais de 26 vezes superiores aos dos 10% mais pobres. Sindicatos e movimentos sociais não desarmam. Recusam os pedidos de desculpa de Piñera. Exigem que renuncie.

CATALUNHA

Revolta contra prisão de independentistas

Uma verdadeira tempestade popular varreu as ruas da Catalunha contra a decisão do Tribunal Supremo espanhol que condenou em Madrid os principais dirigentes políticos envolvidos no referendo independentista da Catalunha a penas que vão até 13 anos de prisão. Os independentistas foram na sua maioria condenados por crime de sedição e desvio de fundos públicos. São penas pesadas, ainda que não tenha ficado provado o crime de rebelião como defendia o Ministério Público.

A decisão era esperada com grande expectativa, sobretudo na Catalunha, para onde o governo espanhol enviou centenas de agentes com receio de violentos protestos em resposta à sentença. As manifestações massivas do povo catalão duram já há mais de duas semanas e tomaram proporções nunca antes vistas naquela região. Milhares de independentistas tomaram o aeroporto, cortaram estradas, linhas férreas, bloquearam a fronteira com França e houve centenas de detidos e feridos durante a forte repressão policial que se abateu sobre os protestos.



DANÇA



Alicia Alonso (1920 -2019)

Alicia - Sempre

Edite Queiroz

Alicia-Ernestina, tão pequenina, quer ser bailarina. Rodopia ao som dos discos da mãe, caminha em bicos de pés, move-se como Isadora Duncan, não sabia o que era dançar. Nos anos 20 do idó século, a dança foi desejo de menina, primeiros passos na Escuela de Sociedad Pro-Arte Musical de Havana. Não tem o corpo ideal, mas tem a extensão, o golpe e a força. *É isto que quero fazer o resto da vida.* Alicia-Bela-A-dormecida sobe ao palco pela primeira vez. A ternura dos 16 traz-lhe Fernando, a dança foi amor. Voam para Nova Iorque e Alicia-mãe traz Laura ao mundo. A vida é difícil na ruidosa grande-maçã, é preciso trabalho e ousadia. Alicia-coragem estreia-se na comédia musical, mas continua o treino clássico. *Como uma esponja*, estuda com L. Fokine, A. Fedorova, E. Zanfretta, A. Vilzak na *School of American Ballet*.

Alicia-mulher, mundo todo nos braços e pernas, vontade férrea na ponta dos pés, junta-se ao recém-criado Bal-

let Theatre. O treino físico é implacável. Só tem 20 anos e falham-lhe os olhos com tanto para ver, as cirurgias golpeiam-lhe a vida. Alicia-dor aponta e estica os dedos, desorientada. *Danço na minha cabeça.* Vésperas de estreia, a vedeta adocece, é preciso alguém para o grande papel. A oportunidade é agora, a dança foi sacrifício. Imobilizada e de olhos enfaixados, *ensinei-me a dançar Giselle.* Alicia-resistência pára tratamentos, não há vida fora do palco. Volta aos ensaios, em sete dias transformada, pés em sangue, fogo no coração. Os olhos só vêem sombras, mas a técnica permitia-lhe dominar o espaço, guiada por pontos de luz. Alicia-Giselle conquista público e crítica. Às cegas é Carmen, Aurora, Clara, Odette/Odile, Julieta, tantas outras. É a grande *ballerina* dramática, intérprete maior do repertório clássico e romântico. Dança Giselle até 1948.

Diz-se em Cuba que Alicia nasceu para que Giselle nunca morra. A dança foi o sonho de regressar, criar uma escola na terra natal, onde não existem ainda compa-

nhas profissionais. Funda com Fernando o *Ballet Alicia Alonso* e procura bailarinos entre os conterrâneos. Alicia-coreógrafa dirige as primeiras peças. A companhia faz a primeira viagem pela América Latina. Em 1956 a situação política deteriora-se e o governo de Fulgencio Batista retira-lhe apoio económico. Alicia protesta, recusa-se a dançar na ilha. Leva consigo alguns dos mais promissores bailarinos, para que não definem neste período. Em plena Guerra Fria, Alicia-estrela recebe convite para actuar na União Soviética, o primeiro dirigido a uma bailarina do hemisfério ocidental. Dança em Moscovo, Leningrado e Kiev, nas famosas companhias Bolshoi e Kirov. Aos 40 anos, ainda gira os 32 fouettés do Cisne Negro. É reconhecida como *prima ballerina assoluta*, a única latino-americana na história.

Em 1959, a dança foi revolução. Fidel financia as estruturas culturais enfraquecidas e a companhia converte-se no *Ballet Nacional de Cuba*. Actuam pela América Latina como embaixada do governo revolucionário. Nos campos e ruas, Alicia-professora procura meninos que queiram dançar, aspiração que não pode ser negada a nenhuma criança. A sua linguagem coreográfica desponta: **É este o ballet cubano - um ballet quente, diferente de todos e a todos acessível, submerso no pensamento de Cuba e na sua forma de sentir. Uma combinação de um virtuosismo conciso e formalista com a doce sensualidade que os cubanos têm no sangue. Um estilo expressivo, latino e voluptuoso, prontamente reconhecível.** Alicia-orgulho apresenta o *Ballet Nacional* em mais de 60 países, recebe prémios e distinções, multiplica as suas criações coreográficas, segue a dançar nas mais prestigiadas companhias do mundo. O seu compromisso político impede-a de actuar nos Estados Unidos até 1971. Só aos 74 anos, na apresentação de *Farfalla*, paira para longe do palco a bailarina que por mais tempo o sobrevoou. Alicia-brilhante, linda no seu turbante e batom vermelho, ensina e coreografa até ao fim, treinando gerações de bailarinos, criando estrelas na terra de bravura e heroísmo que, como à dança, tanto amou. Lugar onde um dia, disse, plantou uma árvore, de bons frutos porque a terra é boa. É este o seu legado, *não apenas para Cuba, mas, espero, para o mundo.* E foi assim que aconteceu, Alicia-lenda venceu a morte.

Sugestões culturais:

Metropolis
São Luiz



O pianista e compositor Filipe Raposo foi convidado a criar uma partitura original para o filme de Fritz Lang, obra prima do Expressionismo Alemão. A nova partitura para orquestra de câmara com 15 elementos procura refletir a “visão distópica das grandes cidades” e simultaneamente “um olhar do futuro (o nosso presente) para o passado.”

15 a 17 de novembro

Kilas, o mau da fita
Casa do Alentejo



“Kilas, o mau da fita apresenta-se como um filme onde a música é constitutiva à narrativa cinematográfica. Com música e argumento de Sérgio Godinho, Lisboa aparece através dos seus personagens cuja substância é musical — do Fado do Kilas à Balada da Rita, junta-se-lhe a sonoridade característica de um certo linguajar urbano.” Dia 9 de novembro

As aventuras de João sem Medo
Centro Cultural da Malaposta



Cansado dos constantes lamentos dos habitantes de Chora-Que-Logo-Bebes, João parte à descoberta do mundo, em busca de uma realidade melhor. Vai encontrar gente que não é o que parece, que não tem a cabeça no sítio e que faz tudo ao contrário; animais que falam, incham e se encolhem e vive uma série de aventuras que lhe ensina a olhar o mundo com um olhar novo e diferente. 2 a 17 novembro

Futebol ao sol e à sombra
Eduardo Galeano



Ed. Antígona. «Homenagem ao futebol, celebração das suas luzes e denúncia das suas sombras», assim é definido este livro pelo seu autor, que, de quatro em quatro anos, por altura do Mundial se fechava em casa durante um mês e pregava na porta uma tabuleta onde se lia: «cerrado por fútbol». Uma edição actualizada pelo autor, pouco antes do seu falecimento em 2015.

DEFICIÊNCIA

CNOD exige “estratégia nacional para a deficiência”

Realizou-se a 26 de outubro, em Loures, o congresso da Confederação Nacional dos Organismos de Deficientes (CNOD) com mais de três centenas de participantes em representação das suas 40 associações filiadas.

Os debates debruçaram-se sobre temáticas que afetam as pessoas com deficiência, mas também sobre matérias que afetam a sociedade em geral. Uma das principais ideias discutidas foi a da importância da criação de uma verdadeira Estratégia Nacional para a Deficiência, que faça cumprir os direitos consagrados através da articulação entre as diferentes áreas de governação, noticiou o *AbrilAbril*.

De acordo com a página de notícias, foi ainda votada, por unanimidade, uma carta aberta enviada aos diferentes grupos parlamentares e à secretária de Estado para a Inclusão das Pessoas com Deficiência, exigindo medidas de fundo, mas também questões imediatas a implementar já no quadro do Orçamento do Estado para 2020.

Os subscritores defendem a defesa do cumprimento da Constituição da República e da legislação nacional, que salvaguardam os direitos das pessoas com deficiência, sem prejuízo de ser necessário “suprir lacunas e aperfeiçoar a legislação, transpondo para a lei nacional aspectos da Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência que aprofundem o património de direitos”, refere o *AbrilAbril*.

Os ativistas presentes entendem ainda que os objetivos da política governamental devem, nesta área, passar por implementar medidas concretas “para corrigir e prevenir as situações de desigualdade, de pobreza, de isolamento e marginalização social que penalizam as pessoas com deficiência, de diversas idades e em diferentes zonas do país”.

Será também determinante a concretização de condições concretas para o pleno direito “à realização pessoal e a uma vida independente”, que passa, entre outras matérias, pela garantia do “acesso ao emprego com direitos das pessoas com deficiência” e da concretização da sua participação política.

Estas metas têm de ser adotadas considerando a necessidade de ter em conta, de forma transversal, “todas as po-



líticas, com a afectação de recursos financeiros e técnicos adequados” para o efeito.

Entre as várias medidas constantes do documento a pôr em prática já no ano de 2020 estão a “adaptação dos serviços públicos, tornando-os acessíveis”, os apoios à “atividade regular das associações de pessoas com deficiência”, a melhoria da “eficácia dos direitos de segurança social das pessoas com deficiência”, o “reforço dos professores e pessoal de apoio às crianças com necessidades educativas especiais” e a “qualificação da intervenção precoce em crianças com deficiência”.

A CNOD para além de representar cerca de 40 organizações de pessoas com deficiência, englobando todos os tipos de deficiência (intelectual, motora, sensorial e orgânica), trabalha com outras associações e movimentos. É também a representante, em Portugal, do Fórum Europeu da Deficiência e é membro efetivo do Conselho Económico e Social.

A Voz do Operário há 100 anos

Festa em homenagem ao jornal A Batalha

Numa das últimas sessões da Sociedade A Voz do Operário, tinha sido proposto, pelo comp.º Eduardo Jorge, que do cofre social se tirasse uma verba para adquirir acções do jornal *A Batalha*. Contrariando essa proposta, alegando não fazer sentido que do cofre se tirasse dinheiro para outra colectividade, precisamente quando para solver os encargos se ia aumentar a quota social, o nosso comp.º Fernandes Alves propôs que, na nossa nova séde, se realizasse um sarau, cujo producto seria destinado ao órgão das associações syndicaes. Ficou resolvido que esse sarau se realizasse, por ocasião da festa do anniversario d’A Voz. Difficultades que surgiram, e que foi impossivel remover de prompto, fizeram com que essa festa tivesse de ser adiada, parecendo que ella terá logar no primeiro ou segundo domingo de novembro.

A Voz do Operário lembra a todos os seus camaradas o dever moral de auxilliarem esta iniciativa, como affirmação pratica do espirito de solidariedade e como obra de boa e sã propaganda

Fernão Botto Machado

Veio ha dias trazer-nos os seus cumprimentos este nosso presado amigo, que, como ministro de Portugal, deve partir por estes dias para o Tokio (Japão).

Demonstrando mais uma vez o seu grande amor pela Sociedade A Voz do Operário, o nosso amigo acaba de fazer-lhe uma generosa dádiva, constante da sua riquissima bibliotheca, que para além do valor estimativo, tem o valor monetário de alguns milhares de escudos.

9 de novembro 2019

PUBLICIDADE

**3ª GALA
DE FADO**
DÁ VOZ DO OPERÁRIO
10 NOV.
15H



Reserve já o seu bilhete

1.ª plateia 15 fados
2.ª plateia 10 fados
Galerias 7,5 fados

ORGANIZAÇÃO



A VOZ
DO OPERÁRIO



MU
MUSICAL UNION

21 886 2155 geral@vozoperario.pt

facebook.com/galadefado